



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

O PROBLEMA DA REALIDADE NA FILOSOFIA DE HEIDEGGER E NA PSICANÁLISE DE WINNICOTT

Brenda Stephany Silva de Oliveira¹; Prof.^a Caroline Vasconcelos Ribeiro e Prof.^o

Kleyde Jomara Lessa Vilas Boas²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
brendinhastephastephany@hotmail.com

2. Orientadoras, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:
carolinevasconcelos@hotmail.com e kleydejomara@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger, Realidade, Winnicott

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido tem a finalidade de apresentar os resultados finais provenientes da pesquisa intitulada “O problema da Realidade na filosofia de Heidegger e na psicanálise de Winnicott”. O objetivo geral da pesquisa consistiu em investigar se é possível um diálogo entre a maneira como a filosofia heideggeriana problematizou o conceito de realidade e maneira como Winnicott levantou o problema da realidade em relação ao amadurecer humano. Isso porque uma das tarefas empreendidas pela filosofia heideggeriana consistiu em desconstruir o conceito moderno de realidade considerando as relações pré-temáticas e pré-representacionais do *Dasein* em seu mundo cotidiano. Para o filósofo, de início e na maioria das vezes, as relações de *Dasein* com o mundo não são baseadas na representação, não são relações de objeto, mas relações pré-teóricas e pré-temáticas de uso dos entes que se encontram à mão. Isso implica dizer que o conceito moderno de realidade – como conjunto de objetos para a apreensão representacional de um sujeito – não contempla todas as relações do *Dasein* com o mundo. O psicanalista inglês D.W. Winnicott, em sua obra *Natureza Humana*, apresenta um tópico intitulado “A filosofia do ‘real’” no qual reivindica a necessidade de se travar uma discussão acerca dos vários sentidos de realidade. Para este psicanalista, esta é uma “questão de dimensões colossais” e exige que se pense que, ao longo do amadurecimento humano, lidamos com sentidos diferentes de realidade e não só aquele calcado no acesso representacional compartilhado. Em função do fato de os dois autores colocarem o conceito de realidade em questão, realizamos nossa pesquisa visando detectar possíveis afinidades e também distanciamentos entre a filosofia de Heidegger e a psicanálise de Winnicott

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O plano de trabalho ao qual se relaciona este resumo está vinculado a uma pesquisa cuja natureza é bibliográfica. Dessa forma, sua tarefa central consistiu numa leitura minuciosa de fontes escritas pelos autores principais – Heidegger e Winnicott – e de

comentadores relacionados ao tema pesquisado. Da filosofia heideggeriana foram fundamentais para exame as seguintes obras de Heidegger (1991, 2001, 2007, 2005 e 2004) e da psicanálise winnicottiana, artigos presentes nas obras Winnicott (2000, 1983, 1975, 1990 e 1999). Para uma melhor apropriação do pensamento heideggeriano nos servimos dos seguintes comentadores: Haar (1990), Pöggeler (2001), Casanova (2006), Giacoia (2004) e Loparic (2006). Para um maior entendimento da teoria winnicottiana do amadurecimento recorreremos aos seguintes comentadores: Dias (2003), Fulgencio (2011), Laurentiis (2016), Lannes (2016) e Outeiral (2001). Para um exame mais aprofundado sobre o tema da realidade no horizonte de discussão da Filosofia da Psicanálise, guiou os passos metodológicos de investigação os trabalhos de Loparic (1995, 2001 e 2005) e Ribeiro (2005, 2006 e 2008). Para um maior domínio dos conceitos envolvidos na pesquisa nos servimos do *Dicionário Heidegger* de Inwood (2002), do *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (2000) e do livro *A linguagem de Winnicott* de Jan Abram (2000).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Com essa pesquisa ficou transparente que, para Heidegger (2007), a definição de homem enquanto sujeito é uma definição herdada da filosofia moderna. Ao definir o *subiectum* como o eu pensante, Descartes teria alçado ser humano à condição do ente que define, categoriza e se apropria do real, sempre a partir do conhecimento racional. Para o filósofo alemão, a consequência disso é a colocação do homem na condição de sujeito-representante e a realidade, na condição de objeto-representado. No §43 do tratado *Ser e Tempo*, Heidegger questiona a respeito do conceito de realidade, mais precisamente, sobre os modos de acesso à realidade. O filósofo aponta que a tradição filosófica, mais especificamente a metafísica moderna, define o conhecimento racional como a única via válida de acesso à realidade, reduzindo as relações do homem com o mundo às relações representacionais. Contudo, na perspectiva heideggeriana, não é representação ou o conhecimento que cria pela primeira vez um *commercium* do homem com o mundo e nem este *commercium* surge de uma ação exercida pelo mundo sobre o homem (HEIDEGGER, 2004, p.108-109). Ao contrário, diz o pensador, conhecer é um modo de ser do *Dasein* fundado no ser-no-mundo, ou seja, fundado em seu ser-em um mundo já aberto enquanto horizonte de sentidos. Por isso, o conhecer – marcado pela distância temática para com os entes – é um modo derivado de ser-em do ente que nós mesmos somos. Para Heidegger, o real é o que está aí, mas a realidade só se revela naquilo que o *Dasein* dá sentido, só se dá na própria abertura do existir. Com nossa pesquisa notamos que Heidegger apresenta um outro sentido de realidade, um outro modo de acesso à realidade, que é o modo pré-representacional, pré-temático e pré-objetivo relativo ao encontro cotidiano do *Dasein* com os utensílios – ser-à-mão – com os quais nos ocupamos no mundo circundante. Já para o psiquiatra infantil e psicanalista D. W. Winnicott, há três sentidos de realidade, a saber: “a realidade subjetiva dos objetos submetidos ao controle mágico, realidade dos objetos de uso transicional e realidade dos objetos objetivamente percebidos” (LOPARIC, 1995, p.21). O acesso à realidade compartilhada, para o autor, não é algo dado, e sim uma conquista que nem todos conseguem alcançar. Para Winnicott, ao nascer, o bebê não tem possibilidade alguma de reconhecer uma realidade não Eu, ou seja, não tem condições maturacionais para estabelecer relações com objetos que ele reconheceria como externos a ele, é como se a mãe fosse ele próprio. Na fase da dependência absoluta, o “objeto” com o qual o bebê se relaciona é um objeto criado com base no atendimento de sua necessidade por parte de quem materna. Winnicott denominou esse objeto de *objeto subjetivo*. Na fase da dependência relativa, na qual as falhas ambientais já podem ser suportadas pelo bebê, há uma gradativa inserção de elementos da realidade compartilhada. Contudo, na saúde,

o bebê não sai da onipotência da fase de dependência absoluta para a pura impotência diante da realidade externa, ele passa por uma zona de transição marcada pela presença de objetos que não são nem externos, nem internos: os objetos transicionais (um ursinho, traveseiro, ponta do cobertor). Tais objetos ocupam a função de promover uma gradativa transição até o mundo externo. Se tudo der certo, em termos de amadurecimento, depois a criança poderá acessar o objeto objetivamente percebido, ou seja, os objetos da realidade compartilhada. Em nossa discussão conceitual, notamos que tanto Winnicott quanto Heidegger questionam: 1) um sentido unívoco de realidade e 2) a representação como forma primordial de acesso à realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Com essa pesquisa de Iniciação Científica pudemos entender que ainda que Heidegger faça uma problematização fundamentalmente ontológica e Winnicott pense o tema da realidade em uma esfera psicanalítica (ciência ôntica), os dois entendem que as trocas estabelecidas entre o homem e o mundo não se restringem ao campo das representações. Para Winnicott, a divisão de realidade em externa e interna não é tomada como pressuposta, mas considerada como adquirida. Contudo, nem sempre isso acontece, nem sempre a saúde é conquistada, nem sempre o amadurecimento segue sem obstáculos e patologias. Considerando isso, nossa pesquisa se deparou com a seguinte questão: e quanto aos indivíduos que, por padecerem de patologias de caráter psicótico, não se sentem reais, não sentem que o mundo é real e não habitam num mundo de sentidos compartilhados, tal como o *Dasein* heideggeriano habita? Essa pergunta nos levou à conclusão de que, apesar das afinidades entre Heidegger e Winnicott, o filósofo não colocou a questão do sentimento de realidade e do não acesso à realidade típico dos psicóticos. O *Dasein* heideggeriano, desde sempre lançado no mundo, dando sentido ao mundo circundante e interagindo com os outros, parece não padecer do perigo do sentimento de irrealidade, da dissociação, do não compartilhamento de sentidos que habita os psicóticos. O que nos faz entender que o homem pensado por Heidegger é sempre um homem saudável, inteiro, integrado. Isso não significa que o pensamento heideggeriano falhou por não pensar nessa possibilidade, afinal, não se pode esperar da filosofia uma familiaridade com problemas relativos à patologias psíquicas. Nosso trabalho foi concluído com o entendimento de que há afinidades em relação à maneira como os dois pensadores reivindicam outros sentidos de realidade que não apenas o representacional da realidade compartilhada, mas também com a compreensão de que há diferenças entre os dois modos de pensar. Afinal, o *Dasein* heideggeriano sempre acessa a realidade compartilhada e o bebê winnicottiano só amadurecerá e alcançará o contato com essa realidade se obtiver cuidados suficientemente bons. O que implica dizer que esse acesso é uma conquista e não algo garantido

REFERÊNCIAS

- ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- CASANOVA, M. **Compreender Heidegger**. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DIAS, E. O caráter temporal e os sentidos de trauma em Winnicott. **Winnicott e-Prints**, São Paulo, v. 1 n. 2, 2006
- FERREIRA, V. D.; RIBEIRO, C. V. A metapsicologia freudiana: uma leitura heideggeriana. **APRENDER – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista. Ano XI, nº 19 p. 116-141, jul./dez.2017.
- FULGENCIO, L. A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. **Paidéia**. Campinas-SP, set.-dez. 2011, Vol. 21, No. 50, 393-401

- GIACOIA JR. Oswaldo. Sobre técnica e humanismo. **Instituto Humanitas Unisinos, Cadernos UHI**, São Leopoldo – RS, Ano 2 - n. 20 – 2004
- HAAR, Michel. **Heidegger e a essência do homem**. Instituto Piaget. Lisboa, 1990.
- HEIDEGGER, M. **Nietzsche II**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007
- HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2001.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução e notas de Maria Sá Cavalcante Shuback. Petrópolis: Vozes, 2004;
- HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. Tradução e notas Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2005
- HEIDEGGER, M. O que é metafísica? In: **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo. Abril Cultural, 1991
- INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro, Zahar, 2002
- LANNES, S. E. O objeto em Winnicott. **Primórdios**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, 2016
- LAURENTIIS, V. R. F. **Corpo e psicossomática em Winnicott**. São Paulo: DWWeditorial, 2016.
- LAPLANCHE, PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- LOPARIC, Z. Winnicott e o Pensamento Pós-metafísico. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p.39-61, 1995
- LOPARIC, Zeljko. Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. **Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**. São Paulo, v.7, n.2, p.311-358, dez. 2005.
- LOPARIC, Z. “Além do Inconsciente – sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise”. In: **Natureza Humana** São Paulo: EDUC, vol. 3.n 1, pp. 91-140, 2001
- LOPARIC,Z. Heidegger e Winnicott. **Winnicott E-prints** volume 1 nº 2, série 2 ano 2006.
- OUTEIRAL, J. O olhar e o espelho. In: J. Outeiral, S. Hisada & R. Gabriades (Orgs.), **Winnicott seminários paulistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001
- PÖGGELER, O. **A via do pensamento de Martin Heidegger**. Lisboa: Ed. Piaget, 2001
- RIBEIRO, C V. A realidade como questão em Heidegger e Winnicott. **Natureza Humana** São Paulo, v. 7, n. 1, p. 95-128, jun. 2005.
- RIBEIRO, C. V. A crítica de Heidegger a Freud: quando o acesso mais originário à realidade não requisita representação. **Winnicott E-prints**, São Paulo, v.1, n.1, p.85-95, 2006
- RIBEIRO, C. V. Freud se encaixaria no rol dos operários (*Handwerker*) das ciências naturais? Considerações heideggerianas acerca da psicanálise freudiana. **Aprender - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**. Vitória da Conquista, Ano VI, n. 10, 2008.
- WINNICOTT, W. D. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- WINNICOTT, W. D. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Trad. por Irineo Constantino Ortiz. Porto Alegre, Artmed , 1983.
- WINNICOTT, W. D. **O brincar e a Realidade**.Rio de Janeiro:Imago editora LTDA, 1975.
- WINNICOTT W. D. **Os bebês e suas mães**. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica Maria Helena Souza Patto. - 2S ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WINNICOTT W. D. **Natureza humana**. Trad.de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro, Imago, 1990.